

Chirre Iyca

2



CULTURA

RELIGIOSA

SUPERIOR

Fundação ^{Pe. Álvaro Franco do Santos} Cuidar o Futuro
Lombra

Título: Cultura Religiosa Superior

Autor: P.º Manoel Gomes do Santos, da Universidade de Coimbra.

Resumo: ESQUEMA

A ignorância religiosa é um facto facilmente verificável no meio universitário.

É certo que se requerem habilitações técnicas à altura da profissão. Mas antes do agir está o ser, com a abertura para o infinito, reclamando o Absoluto, o Ser pessoal por que aspira sem o que ficará sempre mutilado em algo fundamental.

O homem com todo o seu ser, contingente, reclama o necessário, quer unir-se-lhe.

Pela inteligência aspira pelo Ser total, não o satisfaz as parcelas de ser;

Pela vontade aspira pelo bem total, não pode repousar em parcelas de bem, porque tem uma alma espiritual.

Mas só um Absoluto que seja Alguém pode dar plenitude ontológica ao Ser humano, à pessoa humana.

A generosidade gratuita de Deus veio revelar ao homem a sua dignidade numa síntese sólida e coerente e dar realização aos seus anseios mais profundos ainda que ineficazes.

Daí a ignorância deste facto no seu conjunto harmónico e na sua fundamentação racional, a falta de cultura religiosa superior trunca injustamente a personalidade humana, é um atentado à sua dignidade.

O Cristianismo remata dum modo transcendente os esforços do homem para realizar a totalidade da sua condição "segundo a vontade ^{profunda} que o conduz.

Há crise na Universidade porque se não atende ao homem no seu conjunto, origem e finalidade essencial.

Conclusão: As JUC deviam pedir em união com a Igreja e em nome da pessoa humana, pela sua formação integral, pela realização plena das suas aspirações mais profundas a criação dum Curso de Cultura Religiosa Superior nas Universidades portuguesas.



ESQUEMA

A ignorância religiosa é um facto fácilmente verificável no meio universitário.

É certo que se requerem habilitações técnicas à altura da profissão. Mas antes do agir está o ser, com a abertura para o infinito, reclamando o Absoluto, o Ser pessoal por que aspira sem o que ficará sempre mutilado em algo fundamental.

O homem com todo o seu ser, contingente, reclama o necessário, quer unir-se-lhe.

Pela inteligência aspira pelo Ser total, não o satisfaz as parcelas de ser;

Pela vontade aspira pelo bem total, não pode repousar em parcelas de bem, porque tem uma alma espiritual.

Mas só um Absoluto que seja Alguém pode dar plenitude ontológica ao Ser humano, à pessoa humana.

A generosidade gratuita de Deus veio revelar ao homem a sua dignidade numa síntese sólida e coerente e dar realização aos seus anseios mais profundos ainda que ineficazes.

Daí: a ignorância deste facto no seu conjunto harmónico e na sua fundamentação racional, a falta de cultura religiosa superior trunca injustamente a personalidade humana, é um atentado à sua dignidade.

O Cristianismo remata dum modo transcendente os esforços do homem para realizar "a totalidade da sua condição" segundo a vontade ^{profunda} que o conduz.

Há crise na Universidade porque se não atende ao homem no seu conjunto, origem e finalidade essencial.

Conclusão: As JUC deviam pedir em união com a Igreja e em nome da pessoa humana, pela sua formação integral, pela realização plena das suas aspirações mais profundas a criação dum Curso de Cultura Religiosa Superior nas Universidades portuguesas.



C U L T U R A R E L I G I O S A

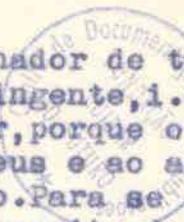
I-A ignorância religiosa é um facto no meio universitário. Nos cinco ou seis anos de estudo em que a inteligência dos universitários se desenvolve conscientemente e se orienta definitivamente para a vida, uma sombra envolve o problema religioso, relegado para o canto das inutilidades. Talvez se toque em assuntos religiosos só quando por uma ironia mal disfarçada se lhe faz uma alusão desfavorável, ou se reduz o Cristianismo à craveira de qualquer mito, talvez o melhor arquitectado, nada mais: isso manifesta a pior ignorância porque eivada de preconceito ou visão parcial.

E porquê tal facto? Porque, talvez, na maior parte dos casos não se lhes ministra uma formação humana integral. Há Mestres duma competência ~~v~~real notável noutros domínios do saber, mas duma ignorância real no domínio religioso, ou, pior ainda, muitas vezes encontram-se imbuídos de preconceitos ou dominados por uma unilateralidade atrofiante. Talvez tenham devorado bíbliotecas, mas, salvo devido respeito, de religião pouco ou nada sabem. É claro, não se pode esquecer esse escol de óptimos Mestres que num esforço acima de todos os elogios, superando dificuldades internas e externas procuraram uma Fundação Guiarda e Futuro verdadeira formação religiosa. Este podia pedir-se, não lições de religião, mas que as suas lições fôsem informadas, discretamente embora, pela Religião que vivem.

Evidentemente são necessárias habilitações técnicas à altura das obrigações e responsabilidades profissionais. Mas... antes do agir está o ser, antes das exigências da actividade estão as exigências da natureza, antes de haver engenheiros, médicos ou advogados há homens com a indeclinável necessidade da cultura religiosa. Por isso "não se trata de algo que se pode lançar ao cesto dos papéis com um gesto natural sem consequências! Afirmá-lo seria miopia incurável relativamente à obra prima da criação que é cada pessoa humana, se não fôsse um grande absurdo.

Em virtude da ignorância religiosa há uma mutilação profunda, deformação evidente no que há de mais íntimo e sagrado no santuário do nosso ser como se pode ver por uma análise do homem em si mesmo e nas suas aspirações II

II-O homem: a) Em si mesmo: o homem pela razão examinando a si mesmo e o mundo circundante pode chegar e de facto, de chega ao conhecimento do Acto Puro, que não é limitado por nenhuma potência, sendo, por isso



PERFEITIS-

Simo, Necessário, Absoluto, Supremo Ordenador de tudo. O homem, por outro lado, reconhece-se contingente, i. é, que depende de Deus no ser e também no agir, porque o agir segue o ser, ou seja, que está unido a Deus e ao aceitar esta condição religa-se, vive a religião. Para se religar melhor e segundo modo que Deus quer, necessita de cultura religiosa.

Nas suas aspirações: é objecto adequado do intelecto humano todo o inteligível, porque é uma potência espiritual, todo o ser, porque tende para a verdade e o verdadeiro é o ser enquanto atingido pelo intelecto. Esta capacidade intelectual em si não tem objecto especificativo, mas somente terminativo, compreendendo todo o ser, todo o inteligível. É, por isso, uma capacidade positiva relativamente ao objecto conatural e negativa ou não repugnante relativamente a qualquer outro objecto superior, ou seja, uma potência obediencial.

Por isso é que o nosso intelecto não repousa na consideração de todos os efeitos que naturalmente conhece: tem por objecto e ente total, a verdade total, não pode aquietar-se em parcialidades, algo o acicata a avançar sempre mais. Ainda que se encontre satisfeito relativamente à explicação da existência do mundo pela descoberta do Ser Perfeitíssimo, seu Criador, não descança plenamente, porque esse Ser enquanto tem de ser muito mais rico do que o manifestam as criaturas. É impossível que as criaturas dêem a conhecer todo o seu poder, inteligência e bondade; tem de ser mais, muito mais. O que será?

Paralelamente, a vontade, potência espiritual, tem por objecto, não qualquer bem parcial, que encontra, mas o bem universal, todo o bem. Pela sua universalidade que deriva naturalmente da universalidade da inteligência só pode repousar no amor do princípio de todo o bem, que é o próprio Sumo Bem.

Daí: o homem pode conceber naturalmente que se iria um grande bem conhecer a Deus não só pelas suas obras, mas imediatamente como é em si mesmo. Com efeito, quem se revela exteriormente com tanta beleza e perfeição nas coisas o que será interiormente!!! Quanto mais perfeito, quanto mais belo, e que bem não seria conhecê-lo e amá-lo!!!....

Mas, terrível mas, o homem não pode não reconhecer que por suas forças não pode atingir esta visão intuitiva e, por isso, tal visão só pode ser objecto dum desejo natural ineficaz duma veleidade. Se o Ser Supre-

3
mo me elevasse gratuitamente a vê-lo, como Ele se vê, oh isso seria para mim a suprema felicidade.

III Realização das aspirações: As exigências metafísicas consideradas, a inquietude que origina esta veledade, entram e manifestam-se na constituição íntima da pessoa humana e revelam-se pela aspiração irreprimível: "Irrequietum est cor nostrum donec requiescat in Te!"

O intelecto aspira por uma verdade que sacie a sua incoercível curiosidade, a vontade por um bem que a satisfaça e a quem se possa entregar sem perigo de decepção. No cimo mais cimeiro das irreprimíveis e inextinguíveis aspirações do nosso ser encontra-se o Absoluto. Mas só um Absoluto que seja Alguém, um Ser pessoal pode fazer com a pessoa atinja a sua plenitude ontológica. Como encontrá-lo???

Calcando terreno cientificamente histórico, encarando nobremente a realidade humana não podemos deixar de reconhecer que a mensagem evangélica é a revelação do homem como pessoa "numa síntese coerente e sólida": Cristo desvendou ao próprio homem o segredo da sua grandeza, mesmo na ordem natural. Como diz em luminosa síntese Leonel Franca: "O surto ilimitado para o infinito que constitui a pessoa na primeira fonte da sua dignidade e na raíz da sua nobre inquietude, encontrou na generosidade gratuita do dom divino a sua resposta infável. A bondade divina desceu até ao homem e ofereceu-lhe com a graça a participação misteriosa da sua vida divina. A nossa inteligência, sobrenaturalizada pela luz da glória unir-se-á um dia à essência infinita, em si mesma; facie ad faciem" e não já através de analogias imperfeitas, que não satisfazem... O amor da nossa alma perder-se-á num êxtase que arrebatando-nos mergulhar-nos-á para sempre no seio do infinito amor! Com estas palavras afirma-se um facto e, por isso, de modo nenhum se menoscaba a intangível subrenaturalidade do dom divino.

De passagem diremos que se insere aqui a sublime e terrível realidade da liberdade humana: Deus não impõe os seus dons, oferece-no-los. Perante a oferta decide-se numa opção transcendente a eternidade do nosso destino: ou aceitamos ou rejeitamos.

IV O laicismo, ofensa à dignidade pessoal: Do que sucintamente fica dito, com prejuízo da clareza, emana espontânea a conclusão: a falta de cultura religiosa é a mutilação do homem no que tem de mais nobre e digno



a inteligência e a vontade. A personalidade humana e injustamente truncada pela falta de cultura religiosa privada de algo por que incoercivelmente aspira na sua inteligência e na sua vontade. Como judiciosamente afirmou o Sr. Presidente do Conselho "quando fale em educação (o mesmo que cultura no sentido aqui tomado) refiro-me à formação do homem integral ao seu corpo, à sua inteligência e à sua vontade... A religião, a formação religiosa tem aí o seu papel a desempenhar?"

Por outro lado contemplando sem preconceitos a realidade do mundo em que vivemos são por demais evidentes as consequências funestas dum laicismo de vistas acanhadas. Minimizando o homem dá-lhe um enciclopedismo dispersivo e atrofiante. O espírito, atulhado por uma soma de conhecimentos relaxa-se e dispersa-se não encontrando pontos de apoio para orientação da sua existência; extraviado num labirinto de pensamentos desarticulados não sabe dirigir a sua vida nem construir o carácter ético segundo um plano de conjunto. É que, para formar o homem interior e profundo requer-se a concentração do eu em volta duma realidade fundamental superior que enfeixe as forças vivas da personalidade que busca a unidade, para um verdadeiro rendimento. A ausência de estudos religiosos superiores tiranicamente imposta pelo ensino laico acarreta consequências incalculavelmente prejudiciais. Tal facto é estridentemente real no plano sobrenatural e não o é menos no plano meramente natural.

Fundação Cuidar o Futuro

Além disso: numa instrução integral de carácter meramente especulativo o silêncio acerca da doutrina e história do Cristianismo é uma posição anti-científica, deformadora dos factos que falseia a educação da juventude. Não se pode não reconhecer que a Igreja Católica modelou séculos e séculos.

"Os males, diz ainda Leonel Franca, sob o ponto de vista moral e religioso são incomensuravelmente mais graves. Nas inteligências jovens que nunca ouviram uma exposição clara, sólida, orgânica da doutrina católica da acção civilizadora no passado, da inexaurível eficácia interior da sua virtude regeneradora do homem vai-se a pouco e pouco formando a persuasão de que o Cristianismo não passa duma velha mitologia sem valor de verdade, a sua moral de um aglomerado incoerente de preconceitos arbitrários e injustificáveis... Estudar, então o Cristianismo afigura-se a essas inteligências deformadas uma perda de tempo..."

Pior ainda: aos 16 ou 18 anos já se leu confusa e apressadamente os filósofos da moda, idolatrou-se um tratado que arvora em escândalo contra a Igreja um facto isolado e vê-se na ciência a expressão definitiva da fé. Mais: por influência ambiental lêem-se os autores que se conhece assestarem as balas da sua ignorância contra a mártir das suas diatribes tão grosseiras quanto atrevidas. Daí: os jovens entricheiram-se no seu comodismo dizendo "tenho os meus princípios, as minhas convicções; a ciência falou! E muito poucos sabem das verdadeiras aquições da ciência das suas reais e provadas conclusões; conhecem hipóteses, afirmações aéreas e equívocas, construções arbitrárias. Mas não se abre, nem sequer um livro católico.

Quem há-de tirar os jovens deste torpor, deste positivo preconceito contra a cultura religiosa, contra aquela cultura, a católica, a única que poderia saciar as aspirações que desconhecem ou lhe fazem desconhecer, mas que nem por isso deixam de ser menos reais???

V-A cultura religiosa superior: Há, por isso, necessidade imprescindível duma cultura religiosa superior para a formação integral do homem e cultura católica, porque só ela aceita e valoriza a pessoa humana real, só ela pode satisfazer todas as exigências de todo o homem já cristão. Não se trata evidentemente de impor, mas de propôr. Isso queremos para bem de todos e isso nos basta para que as almas bem dispostas se abram de para em par às benéficas irradiações sobrenaturais. Somente isto importa para o homem: queremos que se não desconheça e que a recusa, se por desgraça a houver, seja com conhecimento de causa.

Concluindo, use uma vez mais da lucidez e autoridade de Leonel Franca: "A contingência desta ou daquela profissão poderemos amanhã renunciá-la sem desaire; não poderemos renunciar nunca à nossa natureza com os deveres imprescritíveis de lhe realizarmos as necessidades essenciais. Sobre todos paira, portanto, imperiosa, indeclinável, ratificada com sanções irreparáveis a obrigação de investigar lealmente as questões da origem, da natureza e dos destinos do homem. A instrução religiosa é o primeiro e mais grave dos deveres humanos. Fingir desconhecê-lo, disfarçar a seriedade destas questões ou com o narcótico dum cepticismo elegante anestesiarem as preocupações que elas inspiram é pecar contra a nossa dignidade racional. Como um dever de probidade científica com a exigência duma responsabilidade moral, com o inte-

resse vivo da questão que mais de perto nos atinge, o estudo imparcial e profundo do catolicismo impõe-se a toda a incredulidade que quer ser sincera?

Portanto assim como à instrução primária corresponde o catecismo e ao ensino secundário as aulas de moral (em tão más condições e tão mal organizadas no quadro geral; daí, em parte o seu pouco efeito) porque não há-de corresponder um curso de cultura religiosa superior ao curso universitário?

Não se trata dum conhecimento a mais ou a menos (resumidamente se demonstrou) consideração que vale para as cadeiras meramente informativas; trata-se de algo indispensável para a vida pessoal que atinge no seu mais íntimo que o ser humano, algo com um poderoso valor formativo. Universidade que não dá cultura religiosa não cumpre a sua missão. A cultura religiosa é fundamental para todo o homem e mais ainda para os que maior vastidão de conhecimentos atingem, da que resultam exigências intelectuais que devem ser satisfeitas. Quanto mais elevado for o edifício, mais profundos e seguros devem ser os alicerces.

1-É claro (restringindo as palavras do Sr. Presidente do Conselho) que na verdade há ovelhas que não são do redil católico. O chefe do governo tem deveres para com os católicos e para com os que o não são!

Convém notar que se não ofende o homem, nem sequer esta ou aquela pessoa em particular; não se impõe mas propõe-se algo que, mesmo naturalmente considerado, é indispensável para a normal formação cultural da personalidade. Por isso, não é mal que se conheça, é, até justo. Mais; sendo a Religião Católica reconhecida pelo Estado e pelas indivíduos como da grande maioria da Nação (Recenseamento de 1950: mais de 97% de católicos) sendo não como outra qualquer no plano especulativo, mas a única verdadeira e no plano prático a única que satisfaz às necessidades mais imperiosas e profundas do espírito humano, não se ofende ninguém com a imposição do ensino que não da prática; pelo contrário defende-se o bem de todos.

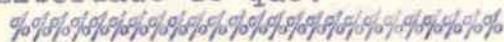
2-Poder-se-á dizer que não é esse o fim da Universidade. Aceitar-se-ia a objecção se a cultura religiosa fosse como qualquer outra no seu objecto, meramente informativa. Mas não; ela é formativa, afecta o homem na totalidade do seu ser. O ensino laico é a mais directa ofensa à dignidade, ao sentido profundo do ho-

3-Nem se diga que a aula de moral do curso secundário basta. Com efeito, sobre ser parcialidade no exame sincero da questão seria ignorância maliciosa do que são e do que trazem essas aulas, e, principalmente, do que exige o ulterior desenvolvimento do espírito humano a par do desenvolvimento somático e no domínio das ciências de mera informação, tão desviadas do seu caminho natural. Daqui se infere a necessidade para todos os universitários de terem esse curso de cultura religiosa superior.

4-Dir-se-á (disseram-no os universitários nos inquéritos): os programas já estão por demais sobrecarregados. Pode-se admitir até certo ponto tal dificuldade. Mas, se não se teme sobrecarregar os programas com cadeiras meramente informativas e nem sempre muito judiciosamente dispostas, porque se não há-de conseguir um lugar numa melhor organização dos programas de esquadra geral (útil e até necessária) dos estudos universitários para a cultura religiosa, pedra fundamental de toda a cultura humana?

5-Dir-se-á: não há direito de impôr. Quem o diz deve examinar bem, em primeiro lugar a si mesmo, e, depois, a questão nos termos em que se propõe e verá que não é violência, nem injúria, nem lesão de direitos, mas uma obrigação de igualdade de condições iguais às das outras cadeiras o ensino da cultura religiosa. Com efeito não é mais do que despertar no íntimo da pessoa humana a centelha mais nobre e nobilitante, escamoteada por numerosos preconceitos e encoberta pela poeira das frivolidades da vida.

Respondendo mais directamente: quantas cadeiras não há em diversos cursos que ou não agradam ao aluno ou não interessam ao futuro e todavia toda a gente se sujeita e ninguém apela para lesão de direitos, nem injúria ou quejandos. E, todavia, se se fala em cultura religiosa não faltam argumentos irrefragáveis (mesmo de católicos que cindem a religião da vida) para desbancar a intrusa em nome da liberdade. Que liberdade? Que quer isto dizer? Liberdade de quê?



CONCLUSÃO: As juventudes universitárias católicas deviam pedir, parece-me, a quem de direito a criação dum curso de cultura religiosa superior nas Universidades portuguesas. Seriam a voz fiel da Igreja que, em nome da pessoa humana por cuja formação integral se sempre trabalhou, por cuja realização plena das suas as

pacidade e necessidades dos estudantes, em particular dos seus filhos que frequentam as Universidades, por cuja formação total tem o dever de velar, também pede a criação dum Curso de Cultura Religiosa Superior.

A nossa humilde voz é um toque de clarim, um de- pertar as consciências, um desafogar a responsabilidade da pesada caligem da inércia ou do deformador preconce- to laicizante ou da pretensão de querer formar o homem truncando-o no que tem de mais sagrado e nobre, fechan- do-o num humanismo de vistas acanhadas ou pseudo-huma- nismo, sem abertura para o transcendente, ou substituín- do a verdade e o bem pãelos quais aspira naturalmente por uma série de paliativos que se encarregam de sepul- tar mútuamente, compondo epitáfios inapeláveis.

Praticamente esse Curso pode ser concebido nas suas linhas gerais a par e passa com o progresso nas ciências de mera informação, como se segue. Seriam estu- dos especializados durante os quatro primeiros anos de cada faculdade, dados numa cadeira semestral e com duas horas de aulas por semana.

Regulamentação: Obrigatoriedade na assistência
Exames a passar favoravelmente
Matrícula e provas finais como
qualquer cadeira semestral primária.

Distribuição das matérias:

1º Ano: Catequese Religiosa e Esclesiologia

2º Ano: Deus Uno, Trino e Graça

3º Ano: Sacramentos e Moral Geral

4º Ano: Deontologia profissional

Temas especializados de investigação.

É este um plano assaz amplo e perfeitamente ex- quível no seu conjunto contendo as pedras fundamentais do ensino religioso.

A terminar umas palavras do Sr. Presidente do Conselho, perfeitamente exactas, sendo tomadas como com certeza foram ditas numa ordem de facto, antes do que numa ordem de direito: "A necessidade de infinito natu- ral na criatura humana deve ser satisfeita pela Religi- gião... que projecta a luz do Além no espírito que hesi- ta diante dos problemas transcendentales da vida e da morte.

"O que já salientamos noutras circunstâncias po- demos repeti-lo hoje para vós (Membros do Colégio da Eu- ropa) por ser uma convicção que a experiência consoli- da em nós não já de ano para ano, mas de mês para mês:

A FÉ CRISTÃ AUTÊNTICA É A BASE DA CIVILIZAÇÃO E DA CUL- TURA! Pío XII (1/3/953)